A

Avó portuguesa forma base de valores profissionais de neto brasileiro - Modo leitor

Catalin Serban/Pixabay

- Publicado em 12 de fevereiro de 2019

Ela tinha um jeito esquisito de falar e isso me intrigava. Toda vez que estávamos juntos, fustigava-me de carinho. Seduzido, estava eu definitivamente, e queria saber mais a seu respeito. Arranjei com meus pais de passar temporadas em sua casa. Ao que eles automaticamente consentiram. Aquele Marcelinho de quatro anos podia então entender um pouco mais sobre a avó portuguesa, dona Elisa.

E a primeira vez que pulei do carro para o quintal da casa dela, eu sabia que entrava em um mundo novo. O piso era de pedra mosaico portuguesa de cor vermelha. O jardim tinha de tudo um pouco, mas meu interesse era outro, queria cutucar os tatus-bolas mesmo. Ela dizia que valorizava a entrada da casa, mas era nítido que se tratava de um passatempo. Cavava, substituía, cortava, não era fácil ficar tanto tempo agachada, todavia o resultado compensava o sacrifício.

Ao fechar da porta, subia o cheiro acre do tapete marrom transformado pelo tempo e pelo uso. Do alto, o relógio cuco, de tempos em tempos, marcava a hora pelo esganiçar do passarinho. De frente para a porta, jazia ali o seu grande tesouro, um toca discos cujo som se perdia no ar e alegrava as nossas manhãs. O dono da voz que nos animava era Roberto Leal. Nas divisórias do móvel, logo abaixo, só dava ele. Uma porção de LPs cujas capas eram estampadas pelas mais diversas fotos do cantor. E ela não se

aguentava, dançava, pegando-me pelas mãos e me fazendo girar como um pião.

Foi minha primeira professora, apesar de não ter concluído nem o primeiro grau. Ensinou-me a importância de levantar bem cedo e de comer bem. Fez-me vencer o medo e encarar a sua cadela Lili, muito maior do que eu. E das interações constantes com ela, tomou vulto a minha paixão por animais. Cada vez que íamos à feira, ela pedia que conversasse com “a minha amiga”, uma pedinte negra e que, sempre sorridente, dava-me atenção e carinho. No final do encontro, ela, discretamente, passava-me o dinheiro e eu o entregava.

Passados mais de trinta anos, o legado de dona Elisa persiste. Um exemplo particular de como o imigrante se faz presente na constituição da nação e cuja importância é ímpar. É bem verdade que os idiomas ao pé do ouvido agora são outros. Desde o árabe dos sírios até o crioulo dos haitianos, que tomaram alguns bairros da zona leste. Mas a preservação de seus legados é fundamental.

Talvez esse neto de português possa ajudar a fazer a convergência entre passado e presente como analista de comunicação da entidade. Principalmente por meio das redes sociais. Invocando os brasileiros a entender melhor a presença dos imigrantes no país com o passar dos séculos. Seria apenas mais um uso da tecnologia em prol da história, uma vez que o Museu da Imigração já transforma memória em pixels, protegendo de maneira contundente essa importante contribuição cultural dos povos.

** **Recordar duas vezes é viver mais intensamente.** Texto antigo, publicado originalmente na página do Museu da Imigração, visando uma vaga no quadro da entidade.*

Denunciar